

PINCELADAS DE UMA VIDA VOLTADA À ARTE: VICENTE CARUSO E AS *PIN-UPS* (1950-1980).

Julia Scherer¹

Resumo: Nesta apresentação pretendo indicar caminhos para uma análise mais elaborada acerca do processo de americanização realizado através do *American Way of Life* naquilo em que ele se apresenta como arte impressa voltada ao consumo através da estética *pin-up*, a qual invoca uma circularidade de ideias e é expressão contundente da pop art. Um dos iniciadores dessa estética, tanto na publicidade quanto na arte em geral, foi Vicente Caruso (1912-1986). O artista, envolvido com arte clássica e/ou acadêmica, realizou também uma série de trabalhos voltados à arte publicitária, em especial àquela dedicada a uma caracterização de *pin-ups* à brasileira. Então, partindo da década de 1950, proponho uma problematização dessa arte impressa - *pin-up* - na perspectiva da História do Tempo Presente e no que ela encerra de americanização vivida e experimentada no Brasil e relacionada ao acervo (coleção) de Vicente Caruso que foi preservado por sua família.

Palavras-chave: Vicente Caruso. *Pin-ups*. Arte para consumo. Acervo. História do Tempo Presente.

Os resultados que eu apresento aqui no III Seminário Internacional de História do Tempo Presente são ainda provisórios, tendo em vista os (des) caminhos nos quais minha pesquisa tem percorrido, em especial ao longo desse último ano (2017). Em larga medida, aqui me interessa mostrar as dificuldades, e também a satisfação, enquanto historiadora, por ter encontrado, de maneira bastante casual, referência ao pintor Vicente Caruso e às suas obras. Naquela oportunidade (fev. 2016) já se insinuavam as dificuldades, dessa feita nada casual, em encontrar um acervo constituído e pessoal daquele artista paulista. A investigação mais detalhada - e ainda em andamento - ratificaria as dificuldades em discorrer quer seja sobre a biografia dos seus 74 anos vividos, quer seja o que me interessava e ainda me interessa, a visibilidade das obras produzidas por Caruso e, do meu ponto de vista, a necessidade da constituição mais organizada do acervo pessoal desse artista. Auxiliou-me teoricamente nesse momento de angústia Bédarida. De acordo com esse autor, a história do tempo presente, mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada: uma

¹ Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (2004). Mestranda (cursando) no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC vinculada à Área de Concentração História do Tempo Presente na Linha Linguagens e Identificações. Trabalha com os seguintes temas: Americanização, consumo e publicidade, linguagens e Tempo Presente.

história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo, portanto, objeto de uma renovação sem fim (BÉDARIDA, 1996, p. 229). Dessa forma, minha pesquisa vem sendo pautada teoricamente na historiografia do tempo presente.

Vicente Caruso (1912-1986), nascido em São Carlos, Estado de São Paulo, teve uma filha e três netos. Ainda adolescente se transferiu com a família para a capital do Estado, residindo inicialmente no Bairro Ipiranga e depois em outros endereços sempre próximos do centro da cidade. Divorciado, por volta de 1965 foi residir no Rio de Janeiro, no Leme, onde permaneceu até 1969. Nesse período, dedicou-se plenamente à pintura. Em 1970, voltou para São Paulo e montou seu ateliê na Rua Barão de Itapetininga, na galeria do Edifício Guatapará. A partir de 1972, começou a trabalhar em casa; montou um ateliê nos cômodos do próprio apartamento, já na Rua Augusta. Residiu nesse endereço até 1986, quando faleceu.

Uma década antes do falecimento de Vicente Caruso, em 1976, é publicado o livro *Garotas de Papel*, de Rudolf Piper, editado pela Global editora. No livro, Piper realiza uma brevíssima menção à obra de Vicente Caruso (duas linhas) estabelecendo relação entre o artista e a produção de arte gráfica para consumo. Justamente essa discreta citação foi a responsável pelo meu interesse em conhecer mais a obra de Caruso visto que em meu entendimento aquela citação não faria jus à dimensão da obra do artista. Desse encontro que tive com a obra de Caruso até a presente escrita desse artigo, tenho me preocupado em entender melhor o envolvimento de Caruso com a arte chamada acadêmica clássica e por outro lado também a arte gráfica feita para consumo. Somou-se a essas demandas outra que é a identificação do acervo pessoal do artista na tentativa de compreender de modo mais adequado a inserção da obra dele na arte brasileira contemporânea, seja ela acadêmica, popular e/ou publicitária.

VICENTE CARUSO: O ACADÊMICO E O ARTISTA DE ARTE GRÁFICA PARA CONSUMO

Vicente Caruso pertenceu a uma família de artistas². Embora não tenha sido praticado com a mesma intensidade ao longo das gerações, a afinidade com a pintura foi uma característica marcante dos/das Caruso. Era filho do ferroviário Maurício Caruso, que já

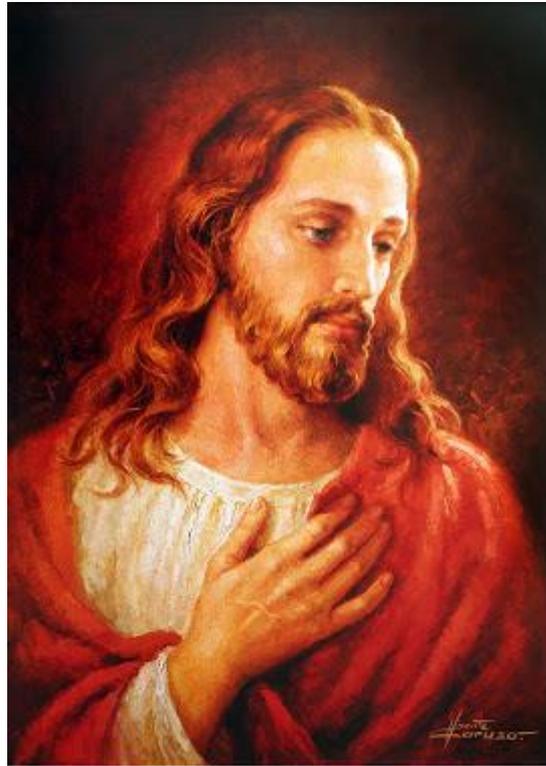
² Cf. www.pintorescaruso.com.br. Acesso em: 07, jan, 2016.

demonstrava uma inclinação para as artes plásticas, embora fosse amador. Seu irmão Waldemar Caruso também se dedicara à pintura. A filha de Caruso, mãe de João Roberto, também chegou a ter uma pequena produção. Vicente Caruso começou a pintar na adolescência e contava com incentivo dos familiares (os livros de arte que ganhou de seu pai são preservados até hoje pelo neto João Roberto). Vicente pertenceu a uma geração da Academia de Belas Artes. Nos anos 1940, recebeu vários prêmios da Academia Paulistana de Belas Artes. Prezava pela técnica apurada; a luz era uma de suas maiores preocupações. Para contribuir para seu aperfeiçoamento, Caruso realizou uma viagem à Europa, mais precisamente para a Espanha e a Itália, onde permaneceu por dois meses, visitando vários museus, vendo mais de perto obras dos artistas da Renascença.

A ideia inicial de minha pesquisa era procurar mostrar, através de das obras de Caruso, o quanto elas colaboravam para a arte popular em nosso país, na esteira do processo de americanização³ e através da publicidade e das imagens para consumo. Chamou minha atenção a imagem de Cristo pintada pelo artista e que teve seus direitos autorais comprados pela Edições Paulinas⁴, apesar de ele se afirmar como artista acadêmico. A justificativa para tal empreendimento, de acordo com o que me relatou João Roberto, único neto homem de Vicente Caruso que gentilmente me concedeu três entrevistas, foi o retorno financeiro considerável lhe proporcionado. Essa estratégia possibilitou a Vicente Caruso, sob todas as formas, exercer o ofício de artista de caráter acadêmico com a qual ele, em vida, fez questão de manter vínculo perene.

³ Por americanização, entendemos todo um conjunto de ações: políticas e socioculturais empreendidas desde os Estados Unidos da América e a partir do início do século XX, intensificado sobremaneira no pós-Segunda Guerra Mundial. A discussão, incipiente ainda no Brasil, embora já referida, entre outros, pelos historiadores Antonio Pedro Tota, Mary Anne Junqueira, Flavio Limoncic, Maria Cecilia Azevedo, alcança importante debate nos Estados Unidos entre historiadores de diferentes interpretações, desde Francis Fukuyama, John Lukacs e Simon Schama, até Tony Judt e Peter Gay. Por último, segundo Canclini (1995), e concordando com ele: “Não sei se a fórmula “americanização” (seria mais correto falar de norte-americanização) é adequada, mas não acho outra melhor. Convém esclarecer desde já que não me refiro apenas à hegemonia dos capitais e empresas de origem norte-americana, sem dúvida um fator-chave para o estreitamento da globalização ao ponto de confundir-se com a exportação para todo o planeta do cinema, da televisão e da culinária de um único país. [...] As mudanças indicam que o controle econômico dos EUA se associa ao apogeu de certos traços estéticos e culturais que não são exclusivos desse país, mas que encontra nele um representante exemplar: o predomínio da ação espetacular sobre formas mais reflexivas e íntimas de narração, o fascínio por um presente sem memória e a redução das diferenças entre sociedades a um multiculturalismo padronizado onde os conflitos, quando são admitidos, se resolvem de maneira por demais ocidental e pragmática” (CANCLINI, 1995, p. 40-41).

⁴ A Paulinas-Comep foi fundada em 1960, em Curitiba, com o nome de Edições Paulinas Discos pelas Irmãs Paulinas (Pia Sociedade Filhas de São Paulo). Em 1964 foi transferida para São Paulo - SP. É fundamentalmente uma Editora Católica.



Vicente Caruso - Gravura

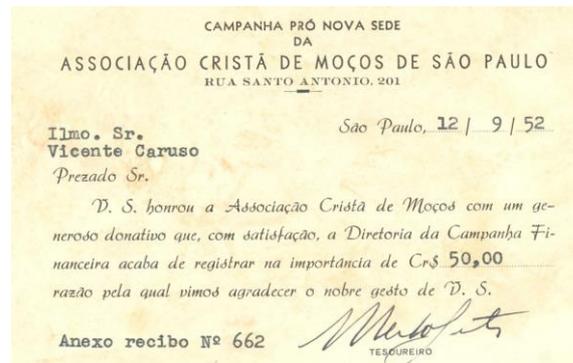
Figura 1 www.pintorescaruso.com.br. Acesso em: 02.02.2016.

Foi essa a imagem de Cristo pintada pelo artista e divulgada pela Edições Paulinas que chamou minha atenção num primeiro momento. Trata-se de uma imagem com uma excelência artística inquestionável e amplamente conhecida, mas cujo autor é praticamente desconhecido. Após estabelecer os primeiros contatos com a família do artista recebi da neta de Vicente Caruso, Elisabeth Caruso, uma tela, também de Cristo, que ela guarda como uma espécie de herança deixada pelo avô.



Figura 2 Coleção particular: pertence à irmã de João Roberto, Elisabeth Caruso

Observando as duas imagens de Cristo aqui expostas, percebemos que embora apresentem a mesma relação estética são visivelmente distintas. Além da perceptível diferença causada pelo tratamento fotográfico que recebeu a primeira imagem em comparação à segunda, a posição em que o Cristo está representado na primeira figura, com a mão esquerda sobre o peito e a cabeça levemente mais erguida também colaboram para diferenciá-las. Todavia, o que as aproxima é a dimensão sacra que impeliu à elas Vicente Caruso. Não consegui ainda levantar o número de Cristos pintados por ele mas certamente elas constituem um número significativo na obra do artista. Vale mencionar que as pinturas feitas de Cristo sugerem uma aproximação ou uma ligação à religião, em particular, católica, conforme se pode verificar no documento abaixo, obtido junto ao acervo do artista, de modo ainda disperso, de posse da família do mesmo.



Esse cartão, guardado pela família junto a outras recordações do avô, trata-se de uma contribuição para a Campanha Pró Nova Sede da Associação Cristã de Moços de São Paulo. Parece-nos que a quantia a contribuir era espontânea, haja vista o espaço em branco a ser preenchido com o valor recebido pela Associação. Tudo isso nos leva a crer que Vicente Caruso tinha alguma relação estreita com a religiosidade.

Com isso, passei a me interessar em conhecer mais sobre a vida de Vicente Caruso, sua obra e o envolvimento de alguns membros da família com a manutenção do acervo pessoal. Até o presente momento e com bastante dificuldade, consegui obter algumas informações em relação à constituição do acervo pessoal do artista, quase todas elas fornecidas por membros da família, especialmente por João Roberto Caruso. Para pensar acervos em geral, e o de Caruso em particular, encontrei algumas informações iniciais em vários autores. Aqui deixo destacado a sugestão de Gonçalves (2006, p.32),

“ (...) a palavra acervo designa um conjunto de bens e, neste sentido, está próxima do sentido geral da palavra "patrimônio". Acervo costuma designar um conjunto de documentos, peças ou obras reunidas e abrigadas (custodiadas) por instituições como museus, bibliotecas, arquivos e centros de documentação, ou ainda existentes em coleções particulares. Há dois tipos de acervo: 1) aqueles reunidos em função da vontade exclusiva de quem os reúne (quem reúne escolhe o que reunir, conservando e descartando o que bem entender segundo sua vontade, apenas); 2) os reunidos em função das diversas atividades realizadas por quem os reúne (pesando aí tanto a vontade/escolha como a obrigação de reunir e guardar). O acervo reunido pela exclusiva vontade de quem o reúne é chamado de coleção”.

Até o momento, pelo que consegui levantar junto à família, os materiais produzidos por Vicente Caruso, originais ou reproduções, se encontram dispersos e são de diferentes ordens. Também pelo que foi identificado, há um investimento da família no sentido de que ele seja reconhecido mais por sua arte entendida como clássica ou acadêmica e menos pela arte gráfica que produziu para campanhas publicitárias e arte para o consumo em geral.

Segundo João Roberto Caruso, “Meu avô sempre foi preocupado com a arte acadêmica, mas precisava sobreviver...”⁵. Sendo assim, em minha percepção ainda provisória (o que requer mais pesquisa), Vicente Caruso bem representa o dilema quase sempre presente entre os artistas, qual seja, produzir arte e conseguir sobreviver dela.

No início de sua carreira, Caruso, além das artes plásticas, dedicou-se também ao trabalho de propaganda. Os calendários (chamados, à época, de folhinhas) eram tidos por ele como uma fonte de renda, ao mesmo tempo que lhe preservavam o gosto pelas artes plásticas. É o que fez, por exemplo, com maestria, quando contratado por empresas de grande porte, entre elas várias multinacionais: Pirelli, Coca-la, Goodyear, ao retratar as *pin-ups*. Em linhas gerais, “o termo *pin-up* se refere a ilustrações ou fotografias de modelos, produzidas em imagens sensuais, produzidas em grande escala, geralmente distribuídas em formato de calendário” (SASAKI, 2011, p. 141). Vicente Caruso, para produzir as *pin-ups*, e contratado pelas multinacionais, utilizava imagens de publicidade em revistas da época que eram por ele recortadas e coladas num caderno, que ele usava para guardar seus modelos, constituindo assim seu acervo. Devido às intempéries do tempo, bem como sua má conservação, mais precisamente a falta de conhecimento sobre formas de preservação daqueles materiais, o citado caderno com colagens não existe mais. Esta página de revista é uma das únicas que foram preservadas e que constituíam o corpo de modelos nos quais Caruso se baseava.



Acervo da família Caruso

⁵ Entrevista concedida à autora por João Roberto Caruso em 21/01/2016.



Caruso conseguiu, como poucos, transportar para a tela aquilo que, por vezes, se entendia por beleza da mulher brasileira, tentando estabelecer diacríticos do belo feminino no Brasil. “O traço dele”, assim nos falou em entrevista seu neto João Roberto Caruso, “é inconfundível! [...] com mais quadril, com menos seios, com..., vamos dizer... um pouco mais morena, um pouco mais italiana...[...] (produziu) uma *pin-up* totalmente abasileirada!”⁶.

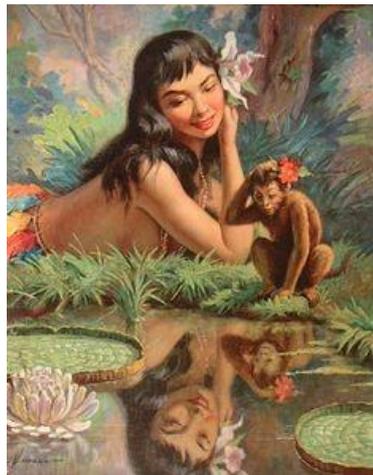


Figura 3 www.pintorescaruso.com.br. Acesso em: 02.02.2016.

Essa pintura de uma *pin-up*, inserida numa ambientação que sugere tratar-se do Brasil haja vista o número de vitórias régias (planta aquática tipicamente brasileira da região amazônica) supostamente não parece ter sido feita para diulgação publicitária. Ou talvez possa ter sido de início para esse fim porém não tenha sido selecionada pelas empresas que contratavam seus serviços.

Em seguida, apresento uma imagem de pin-up usada para divulgação da Goodyear. Vale destacar que a empresa faz questão de mencionar que ela é a distribuidora exclusiva de pneus e câmaras no Rio Grande do Sul (Porto Alegre e Pelotas). A imagem nos sugere uma suposta relação de parentesco tradicional entre as pessoas que aparecem na cena, ambiente arborizado por seringueira e a borracha sendo extraída.

⁶ Entrevista a nós foi concedida via *skype* por João Roberto Caruso, neto de Vicente Caruso, em 21 jan. 2016.



Figura 4 www.pintorescaruso.com.br. Acesso em: 02.02.2016.

Na seguinte imagem tratar-se de publicidade voltada para a venda de colchões, a ambiência e o modo como a *pin-up* é apresentada muda. No ambiente privado que é o quarto destaca-se a cama vestida com lençol rosa, a pin-up vestida com camisola transparente azul e acompanhada de uma gata (ou um gato?).



Figura 5 www.pintorescaruso.com.br. Acesso em: 02.02.2016.

Outra imagem de pin-up que também sugere um ambiente mais íntimo e trata-se de publicidade de roupas íntimas sugerindo conforto, elegância e acesso à leitura.



Figura 6 www.pintorescaruso.com.br. Acesso em: 02.02.2016.

Considero tais fontes significativas para compreensão da arte pop ou popular no Brasil e ainda muito pouco visibilizada. Afora um artigo⁷ disponibilizado em uma revista italiana publicada sobre a arte de Caruso, não encontrei até o momento outras referências em relação a esse artista, muito menos no que diz respeito à constituição de um acervo pessoal. Todavia, as pessoas não guardam por acaso, guardam para tornar vivo o que, pela passa do tempo, tenderia ao esquecimento. Nesse sentido, as pinturas apresentam uma vantagem pois a duração já faz parte de sua gênese e sendo assim pode emergir como um lugar de memória⁸.

Ao focar essas pinturas que foram preservadas busco realçar as possibilidades interpretativas que essas elas representam para a compreensão do processo de americanização que se desenrolava no Brasil nos anos de 1950. Aparentemente banais, elas iluminam posicionamentos políticos, redes de sociabilidade e espaços de legitimação.

Para finalizar, apresento fotos do artista, de familiares, de amores, que constituem parte de sua rede de sociabilidades e que constituem indícios que não podem ser desconsiderados quando pretendemos escrever sobre pessoas. Essas fotografias também têm me ajudado a entender melhor a experiência de vida desse artista que parece ter vivido no dilema entre produzir arte clássica e arte para o consumo.

⁷ II Revista LettoreRacconta, uma revista a serviço do Brasil e da Itália, disponível em:

<http://www.comunitaitaliana.com/site/component/content/category/81-il-lettore-racconta.html>

⁸ Entendidos aqui como os define Michel Pollack, os lugares de memória podem ser representados por museus, arquivos e monumentos. (Pollack, 1992, p. 202).



Vicente Caruso com 66 anos de vida.

Figura 7 Com dedicatória à primeira esposa



*Figura 8 Carmem Caruso, primeira esposa.
Foto de Vicente Caruso.*

João Roberto não faz menção em seus depoimentos “às mulheres” com as quais tivesse se envolvido amorosamente seu avô. No entanto, a menção ao divórcio nos sugere que Caruso pode ter tido outros relacionamentos. De toda forma, a primeira esposa, de acordo

com a foto com dedicatória e a preservação da mesma nos leva a crer que Carmem (que presumimos referir-se da avó de Roberto) foi uma pessoa que marcou sentimentalmente sua vida. “O primeiro amor a gente nunca esquece”. Fazer dedicatórias escritas, guardar fotografias, tem por objetivo revelar, comprovar algo, inibir o esquecimento, eternizar-se.



Vicente Caruso com a única filha, Yara. Anos 80.

O acervo privado deste pintor constitui-se num banco de dados para pesquisas sobre a americanização. Tais imagens, mudas a princípio, ganham voz através da análise feita pelo olhar do historiador, transformando-as em evidências históricas, assim como com os textos literários ou com os testemunhos orais. Um pintor, quando executa suas obras, transpõe para a tela parte de sua bagagem pessoal, seus aprendizados e suas experiências. Historicizar a trajetória de sua vida enquanto artista e a de suas obras, seu contexto cartográfico, sua formação, suas viagens, seus referenciais, suas redes de sociabilidade fazem sua pintura tornar-se uma mensagem que se processa através do tempo.

Embora não se reconhecesse como um artista publicitário e fizesse isso pela sobrevivência, a qualidade do trabalho de Vicente Caruso torna-se visível através das imagens aqui apresentadas e quanto que ele buscou valorizar, digamos assim, a partir do traço dele bastante peculiar à beleza da mulher entendida por ele enquanto brasileira, tomando o referencial norte americano, como já se disse anteriormente. Ele faz isso com bastante competência. Entre as outras imagens pintadas pelo artista e preservadas pela família, foram poucos os calendários que foram preservados, o que indica uma pouca preocupação com as obras feitas para o consumo.

REFERÊNCIAS

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). Usos & Abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 219-232.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

Cf. www.pintorescaruso.com.br. Acesso em: 07, jan, 2016.

GAY, Peter. **Modernismo**: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. Tradução

GONÇALVES, J. Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX. São Paulo. 2006. 444p. Tese. (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: ??

IlLettoreRacconta. Disponível em:

<http://www.comunitaitaliana.com/site/component/content/category/81-il-lettore-racconta.html>

KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. Tradução: Markus Hediger.- 1.ed. – Rio de Janeiro. Contraponto: PUC- Rio, 2014.

PIPER, Rudolf. **Garotas de papel**: História da pinup brasileira em 170 ilustrações. São Paulo: Global editora, 1976.

POLLACK, Michael. “ Memória e identidade social” Revista estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 201-215.

SASAKI, Silvia. **Tessituras sociais**: Alinhavos entre costumes e modelos vigentes através do jornal das moças (1948- 1968). 2011. Dissertação (Mestrado História) Centro de Ciências Humanas e da Educação. FAED. Programa de Pós-graduação em História. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

TOTA, Antonio Pedro. **Os americanos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.